

CANDANGOS

1960

Arquivo Público do DF

A AMARGA NOSTALGIA DOS OPERÁRIOS QUE PARTICIPARAM DIRETAMENTE DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA



Exaustos e felizes, os operários que construíram Brasília vestiram as melhores roupas para desfilar pela cidade na tarde ensolarada do dia 21 de abril de 1960, diante de autoridades do mundo inteiro

Freddy Charlson
Da equipe do **Correio**

Tarde de sol no Eixo Monumental, 21 de abril de 1960. Milhares de homens desfilam, orgulhosos, para visitantes do mundo inteiro. Emocionados, alguns dos peões que construíam Brasília choram. Como chora, no palanque, Juscelino Kubitschek, o presidente que prometera — e cumprira — realizar a profecia de Dom Bosco, em 1883, e transferir a Capital Federal para o Planalto Central.

Em passos rápidos e com as melhores roupas que tinham, a maioria dos peões que deixaram a família para trabalhar (muitos), enriquecer (alguns) e fazer parte da História (todos), nem imagina que o sonho que viam tornar-se real começara cinco anos antes, em 4 de abril de 1955, no comício do então candidato JK, em Jataí (GO). Dia em que Juscelino ouviu, sob chuva, de Antonio Carvalho Soares, 74, o *Toniquinho*, a pergunta: “O senhor mudará a capital para o Planalto Central, como previsto na Constituição?”.

A mesma idéia que levou ao canteiro de obras no cerrado esses peregrinos que desfilam sob o sol. Muitos, recrutados por construtoras, chegaram em trens e caminhões. Outros, solitários, vieram de carona, a pé. Gente como Clementino Cândido, então com 26 anos, hoje com 69. Mineiro de Rio Casca, lembra, no caminho, de quando chegou ao Rabello, acampamento na futura Vila Planalto para trabalhar de servente. Natal de 1957.

Mesmo assim, aquele Natal em meio ao pó e máquinas foi recebido pela esperança de que era feito Clementino, ex-lavrador, que tentava a sorte na cidade grande. E seria em Belo Horizonte que ouviria, no alto-falante de uma praça, uma voz que mudaria sua vida. “Dizia que precisavam de gente para construir Brasília”, lembra ele, que ganha R\$ 380 de aposentadoria, 40 anos depois do desfile.

E a notícia das obras da futura capital corria. “Se ganha dinheiro a rodo”, comentavam. O bur-

burinho atraía homens que mudariam com mala e cuia para dar vida à cidade. Era preciso correr. Analfabeto, Clementino correu. Pegou trem até Vianópolis (GO), caminhão até Luziânia (GO). De lá, carona para a Brasília da qual nunca ouvira falar.

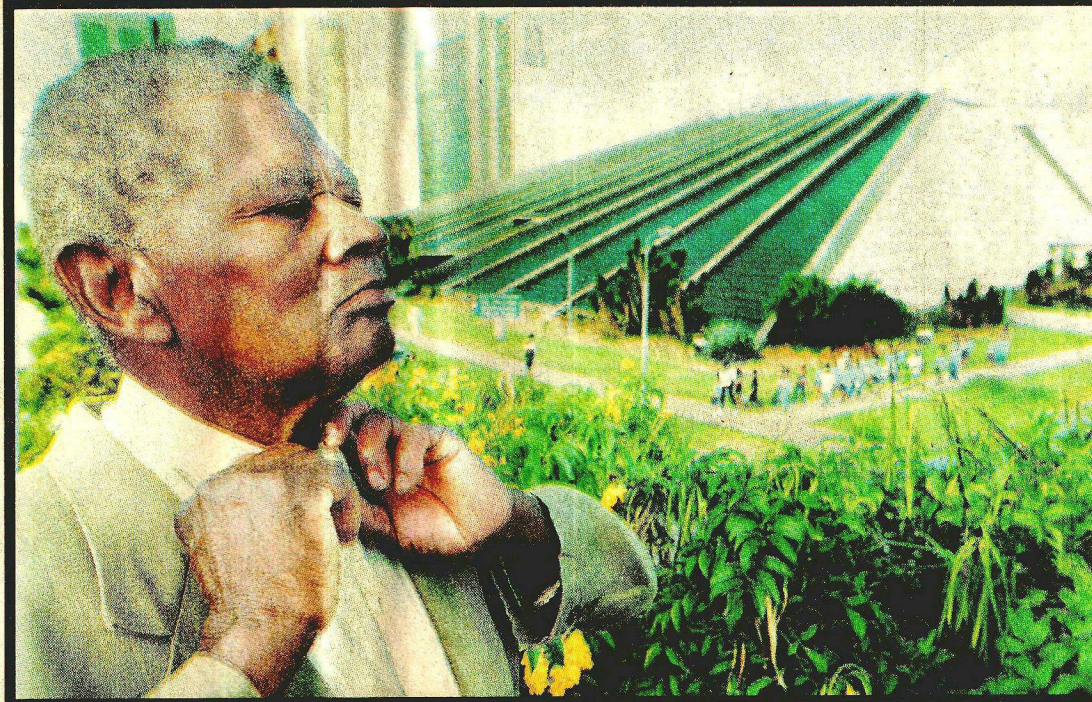
DISCURSO E LÁGRIMAS

E é só no que Clementino pensa no desfile para aquela gente sem pó nas roupas ou calos nas mãos. Mas pensa também no dia anterior, 20 de abril de 1960, quando, ao receber as chaves da cidade, JK fez um discurso que agitou de lágrimas a terra vermelha da qual era feito esse chão. (“Sou o guardião dessa chave, tão minha quanto vossa. Vi como pegastes no trabalho à procura de um destino melhor para nosso país”, dissera JK.)

Palavras que ecoam na cabeça de boa memória de Clementino, que pensa, ainda, no esforço de quem dividia, com “muitos cabras maus”, um dos 30 alojamentos de solteiros que pegavam no pesado com a alvorada e só paravam na madrugada. Descanso? Os intervalos para a “bóia”. Era nesses intervalos que proseavam. Assim, Clementino conheceu, em 1959, o mineiro de Ouro Fino, José Joaquim Camargo — à época com 26 anos, hoje com 66. “Aqui pegava fogo, trabalho a dar com o pau”, lembraria Joaquim, quatro décadas depois, em sua casa na vila, com tábuas horizontais.

Apesar de enxergar mal, Joaquim tem boa memória. Quase não desfilou. É que o peão que levava e trazia peões do acampamento para obras, das obras para o acampamento, passara a noite limpando um terreno na Esplanada dos Ministérios. Para ver cumprida a promessa de um mestre-de-obras de liberar sua — de Joaquim — casinha. Dito e feito. Semanas depois, a casa viria. Era nela que Joaquim pensava no desfile. Porque o que menos sente, hoje, é saudade. “De serviço? Comida ruim? Vim

Carlos Vieira



Clementino Cândido ajudou a construir o Teatro Nacional, mas nunca assistiu a nenhum espetáculo

VIDA DE OPERÁRIO

	ONTEM	HOJE
Recrutamento	Avisados por carros de som nas cidades do interior	Por conta própria ou chamados de parentes e amigos peões
Como chegaram em Brasília	Em caminhões, trens ou caronas	De ônibus
Mulheres nas obras	Não	Sim
Salário	Cr\$ 13,80, a hora (servente)	R\$ 240 (em média, o servente)
Uniforme	A roupa do corpo	Macacões
Equipamentos de segurança	Nenhum	Luvras, botas, capacete, óculos
Carga horária	De 15 a 20 horas, diariamente	Das 7h às 17h, com duas horas para o almoço
Moradia	Alojamentos ou casas de madeiras nos acampamentos das construtoras	Casas próprias ou de parentes na periferia de Brasília
Em construção	Teatro Nacional, Rodoviária, Congresso Nacional	Tribunais, prédios inteligentes, condomínios
Sonho	Ganhar dinheiro e fazer parte da história da cidade	Comprar uma casa

para morrer de trabalho”, diz o viúvo, que ganha R\$ 500 mensais de aposentadoria. Uma troca feita por outro sonhador, o mineiro de Rio Preto, Geraldo Resende de Carvalho, 67, dos quais 42 na Vila Planalto. Seu Geraldo — ou *Geraldo do Armazém* — chegou para fazer parte da História. Largou seis vacas e

pegou, em 19 de janeiro de 1957, trem para Anápolis (GO) — cujo bilhete ainda guarda — de onde veio para o canteiro.

“A vida é dura para quem é mole”, ensina o homem que foi peão no Palácio da Alvorada, de março de 1957 a junho de 1958, onde morou antes de JK. Depois, Geraldo foi cuidar do armazém

da Rabello, na Rua da Praça. A vida dura — para quem era mole — foi compensada quando desfilou na Esplanada. (O sol é mesmo forte nesse 21 de abril de 1960. E queima os ombros dos peões na tarde de outono, numa cidade sem árvores. Emocionados, os políticos nas tendas não imaginam o significado do mo-

mento para os candangos. Geraldo chora e se sente no céu.)

DIVERSÃO DE ADULTOS

Prova de que nem tudo era tristeza e suor na vida dos candangos. Clube, missas, cinema. Quando a diversão era “adulta”, iam a Cidade Livre. “A gente *furufava* lá”, conta Clementino. Quando chegavam, as “meninas” anunciavam: “Lá vêm os cavalos da Rabello com seus contos de réis”. (Tempo em que o povo não pára de chegar. Em 1956, JK cria a Novacap. Em dezembro, há mil peões no cerrado, que erguem a Cidade Livre. Em julho de 1957, são 13 mil. Em maio de 1958, 35 mil. O número aumenta, quando, em 30 de junho de 1958, é inaugurado o Palácio da Alvorada, sede da Presidência da República.)

Eis que quase dois anos depois da abertura do palácio, os pioneiros desfilam com tratores, caminhões, cavadeiras. São seguidos por 5 mil militares, atrás de um Congresso ainda com andaimes, e vistos por 150 mil pessoas que visitavam a Brasília erguida por JK *amãoz de ferro*. “Morresse quem morresse, teríamos que entregar a cidade e desfilarmos”, lembra Clementino.

Ao contrário de Joaquim, e como Geraldo, ele tem saudade. “Depois do desfile fui servir café para JK.” Saudades da Brasília que não deixaria, como Joaquim. Só Geraldo voltaria a Rio Preto. Aqui construiriam a vida. Aqui, na Brasília espetacular, segundo Geraldo, de cujo armazém dá para ver o Congresso Nacional; na cidade bonita, para Clementino, que construiria o Teatro Nacional, mas que nunca assistiria, ali, a uma peça; na Brasília, para Joaquim, “o melhor lugar do mundo”. Um lugar que seria ainda melhor depois dele ouvir JK, na Praça dos Três Poderes: “Fostes candangos com o trabalho. Eis o produto de vossas angústias, riscos e suor”.